



MISSÃO DE MULHER

*Jovem prendada e linda, era a própria beleza,
Rosa de inteligência e natureza,
Viera de remoto povoado,
Com tarefas de estudo e sonhos de noivado,
E conquistara enorme simpatia...
Fizera-se modelo e se reconhecia
O ponto alto das exposições,
Favorita do brilho em passarela,
Pisando corações...*

*Ela encontra, por fim, num jovem rico e nobre
A cortina de ouro em que se encobre.*

*Quatro anos de luxo nos salões
Tornaram-na famosa e cada vez mais bela.*

*Certo dia, no entanto, inesperadamente,
Uma carta lhe chega... Vem da vila
Em que passara a infância humílima e tranquila,
É da mãezinha que se diz doente...
Falecera-lhe o irmão, seu único parente,
Declarava-se triste e desolada,
Incapaz de ganhar o próprio pão...*

*Rogava à filha proteção,
Sentia-se sozinha e fatigada
E, sobretudo, estava em luta insana,
Pois era agora triste hanseniana.*

*A moça treme revoltada
E, às súbitas, planeia
O que admite por melhor medida;
Não quer aquela mãe que a desnorteia;
Detestaria ver-se diminuída
Perante o homem que ama.
Age arbitrariamente,
Adita ao próprio nome um nome diferente
Na rude inquietação que ela própria extravasa...
E, mudando de casa,
Permaneceu na expectativa...*

*Realmente, depois de algum tempo passado,
Senhora hanseniana morta-viva
Bate-lhe à porta, em tom desesperado;
Servidores atendem, entretanto
Ela quer ver a filha que ama tanto,
Colhendo reiterada negativa.
Mas sabendo-a sentada sobre o piso
Que dava acesso ao grande apartamento,
A própria moça surge, de improviso,
A gritar-lhe, de ânimo violento:
- Saia daqui, depressa! Vá-se embora!...
Não conheço a senhora
E caso aqui persista,
Tenho a polícia à vista!...*

*- Filha, diga por que... -
Exclamou a mulher agoniada, -
Estarei eu assim tão deformada
Que o seu olhar já não me vê?*

Não ficarei aqui, não lhe trarei perigo,
Mas não vês que a mãezinha está contigo?

- A senhora não passa de embusteira, -
Falou a moça, a gestos desumanos.
- Minha mãe já morreu, há muitos anos...
Velha tonta,
Não sei como se fez aventureira,
Mas a polícia vai tomar-lhe a conta...

Minutos decorridos,
Enquanto a pobre mãe chorava, angustiada,
Uma ambulância veio em disparada
E conduziu-a para um sanatório.

Trinta anos passaram sobre a cena,
A filha desposara o jovem que a queria.
O casal conjugava a fortuna e a alegria,
Ele, o industrial, ela, a nobre senhora,
E um filho nobre e forte
Surgiu-lhes a brilhar
Por tesouro do lar.
Quanto à pobre mulher deixara a enfermaria,
Conseguira curar-se,
Mas não mostrava mais a face antiga,
Era triste velhinha sem disfarce,
Desditosa mendiga...
Conhecida por velha hanseniana,
Já sofrera de sobra a zombaria humana...
Morava numa fuma abandonada,
Não distante da fábrica de tubos
E outros artigos de eletricidade
De que o neto distinto era dono e gerente...

Sabendo-se que fora humilhada e doente,
Cobria-se com capa esburacada

E, lembrando uma sombra a pervagar na estrada,
Pedia aqui e ali, um socorro qualquer...
Mas em torno da fábrica era o ponto
Em que a infeliz mulher
Parecia um rondante, atento e pronto,
A observar o que passasse...
Se encontrava o gerente, face à face,
Dizia, constrangida: - Uma esmola, doutor!...
Intrigado o rapaz notava aqueles olhos
Que o miravam, mostrando imenso amor...
Dava-lhe algum dinheiro, atento a isso,
Depois seguia adiante
Mergulhando a atenção em seu próprio serviço...

Seguia o tempo em marcha regular,
Quando veio a estourar
Na fábrica tranquila
Um grande movimento
De protesto violento,
Que englobava, por si, todo o operariado...
A gerência estudava ação conciliadora
E os conflitos surgiam, lado a lado.

No ápice da luta,
A velhinha cansada, dia-a-dia,
Observa a extensão da rebeldia,
Mantendo-se, de guarda, ao pé das oficinas,
Qual um posto de escuta.

Certa noite, enxergou dois delinquentes
Quando os vigias cochilavam fora,
Agiam, sem que a vissem trêmula e calada...
Uma porta se arromba
E os dois, dentro da fábrica isolada
Colocam grande bomba,
No intuito de gerar perturbação,

E fogem, assustados, do recinto...

*Ela entra em ação,
Obedecendo ao próprio instinto...*

*O estopim fumegava... Ela, porém,
Sem o concurso de ninguém,
Toma nas mãos o engenho destruidor.
Avança sem temor,
Sai pela porta afora,
Correndo sem a mínima demora,
Mas, antes que atirasse a bomba ao chão,
Dá-se a grande explosão.*

*A fábrica salvara-se.
Ela, porém, tombara
Mortalmente ferida...*

*Faz-se tumulto, em torno... Eis o chefe a chegar...
Reconhece a velhinha e determina
Que ela seja tratada
Por valente heroína...*

*Foi no hospital a derradeira cena.
Finava-se a velhinha devagar,
Mostrando no semblante a beleza serena
De quem transmite a paz no próprio olhar...*

*Eis que, em dado momento,
Ela percebe vozes e alarido;
Ao formoso aposento
O gerente trouxera os pais com garbosa alegria;
Deviam ver a pobre que morria
E que o amara tanto...*

*O casal aproxima-se... A senhora
Treme ao reconhecer a mãe que rejeitara outrora...*

*Enquanto filho e pai conversam à distância,
Ajoelha-se a filha, ante a mulher que morre...
Ela pede perdão no pranto que lhe escorre
Dos olhos espantados...*

*Contudo, a agonizante ao percebê-la,
Ciciou as palavras: - Minha estrela!...
Ouvindo-a soluçar,
Consegue novamente sussurrar:
- Filha do coração, Jesus a trouxe aqui...
Depois disse ao cair, em profundo torpor:
- Não chores, meu amor,
Eu nunca te esqueci...*

*Lá fora, o Sol, em tudo, era vida e esplendor,
Parecendo dizer na própria chama
Que, desde a luz dos Céus aos abismos da lama,
Deus, em todo o Universo, é a Presença do Amor.*

